



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH *CAMPUS VI*  
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS**

**ANA CAROLINA SILVA SOARES**

**UM CASO DE TERNO DE REIS EM CACULÉ - BA:  
Resistência e Identidade Cultural**

**CAETITÉ-BA  
2018**

**ANA CAROLINA SILVA SOARES**

**UM CASO DE TERNO DE REIS EM CACULÉ-BA:  
Resistência e Identidade Cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do *Campus VI* da Universidade do Estado da Bahia como requisito para a obtenção de grau de licenciada no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas.

Orientador: Prof. Me. Rogério Soares Brito

**CAETITÉ-BA  
2018**

ANA CAROLINA SILVA SOARES

**UM CASO DE TERNO DE REIS EM CACULÉ-BA:  
Resistência e Identidade Cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia.

Habilitação: Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas

Data de aprovação

19 de dezembro de 2018

Banca Examinadora:

---

Orientador  
Prof<sup>o</sup> Me. Rogério Soares de Brito  
Universidade do Estado da Bahia

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zoraide Portela Silva  
Universidade do Estado da Bahia

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciete Bastos  
Universidade do Estado da Bahia

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos próximos. Em especial à Maria Helena e Hélio Marcos, exemplos de força e companheirismo, *in memoriam*.

*Deus nos saue casa santa  
O' Virgem Mãe de Deus  
Onde Deus fez a morada  
O' Virgem Mãe de Deus*

*Onde mora os Cális Bento  
O' Virgem Mãe de Deus  
E a Hóstia Consagrada  
O' Virgem Mãe de Deus*

*Santo Reis na sua casa  
O' Virgem Mãe de Deus  
Ele Veio Vizitar  
O' Virgem Mãe de Deus*

*Vizitar sua saúde  
O' Virgem Mãe de Deus  
E a família como estar  
O' Virgem Mãe de Deus*

*Versos de Reis (na porta) de um grupo de Caculé – Bahia. Autoria desconhecida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos vão para todos que pelo meu caminho cruzaram e que de forma direta ou não ajudaram na minha construção pessoal, social e acadêmica. Agradeço, primeiramente, à minha família, aos meus poucos e sinceros amigos, ao corpo docente e aos demais integrantes do espaço acadêmico do Departamento de Ciências Humanas de Caetité.

## RESUMO

A manifestação cultural dos Ternos de Reis e/ou Reisado é rica em diversidades nacionais que caracterizam a identidade cultural de um povo, atribuindo-lhe visibilidade através da disseminação de suas produções artísticas. Pretende-se através deste estudo analisar os fatores que contribuíram para a garantia da visibilidade dos Ternos de Reis na Região de Caculé – BA, descrever os elementos que o constituem como um grupo de tradição cultural e popular: origem, características e demais elementos que o compõem. Quanto à estrutura está dividida em três capítulos que versam sobre a historicidade do Reisado; cultura popular; identidade e de resistência. Por fim, analisamos a existência de um grupo de Terno de Reis de Caculé como marca de resistência e tradição na construção das identidades coletivas.

**Palavras-chave:** Reisado. Cultura Popular. Resistência.

## **ABSTRACT**

The cultural manifestation of the Ternos de Reis and / or Reisado is rich in national diversities that characterize the cultural identity of a people, attributing it visibility through the dissemination of their artistic productions. The aim of this study is to analyze the factors that contributed to guarantee the visibility of the Suits of Kings in the Caculé-BA region, to describe the elements that constitute it as a group of cultural and popular tradition: origin, characteristics and other elements that the make up. The structure is divided into three chapters that deal with the historicity of the Reisado; popular culture; identity and resistance. Finally, we analyze the existence of a group of Suit of Kings of Caculé as a mark of resistance and tradition in the construction of collective identities.

**Keywords:** Reissued. Popular culture. Resistance.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. HISTÓRICO DO REISADO .....</b>	<b>15</b>
<b>3. CULTURA POPULAR E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>4. IDENTIDADE E RESISTÊNCIA LOCAL.....</b>	<b>30</b>
4.1. Hibridismo Cultural.....	32
4.2. Reisado de Caculé.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute uma das manifestações culturais bastante popular em algumas regiões brasileiras: o Reisado ou Ternos de Reis. O objetivo principal é analisar os fatores que contribuíram para garantia da visibilidade do Terno de Reis na região de Caculé e na construção das identidades coletivas em comunidades de tradição oral.

Por não ter tido um conhecimento aprofundado acerca dos precursores do Reisado, este estudo buscou resgatar as raízes históricas dessa tradição bastante popular, em sua origem, especificamente, no município do sudoeste baiano: Caculé. O resgate de acervos fotográficos e relatos de conversas com membros e simpatizantes do Reisado foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, juntamente com o aporte teórico que contou com as contribuições de historiadores, folcloristas e sociólogos. Tem-se, assim, um estudo interdisciplinar.

A escolha deste objeto de estudo, a saber o Terno de Reis de Caculé, ocorre pela afinidade e admiração pela tradição popular do Reisado, por participar de alguns cortejos e reconhecer que esta manifestação é um dos elementos que constitui o meu contexto social.

Penso ainda que, é importante salientar essas questões no espaço de formação acadêmica, pois poucos estudos têm contribuído para estes tipos de reflexões que permeiam o território do conhecimento de mundo que temos. Os espaços universitários são significativos na tarefa de reduzir todo tipo de preconceito que possa existir. Conhecer e valorizar a própria cultura que marca a gênese de nossa identidade, assumir o papel de construtor, intensificar e fomentar as culturas locais são tarefas de todos nós.

Assim, o problema desta pesquisa parte de uma inquietação sobre as origens da manifestação cultural e popular que é o Reisado. Após algumas observações feitas durante o período natalino na cidade de Caculé, surgiu a curiosidade de compreender como ocorreu o surgimento deste tipo de celebração no presente município, partindo da absorção da história dos Ternos de Reis como um todo. Ao passo que o conhecimento se expande, mesmo que não seja em sua totalidade, desmistificamos preconceitos e enriquecemos mais nossa bagagem histórica, social e pessoal. Foi através da busca de pesquisas bibliográficas, compreensão de teorias e trabalhos já realizados sobre a temática que busquei compreender o seguinte questionamento: De que maneira é constituída a visibilidade do Reisado no município de Caculé - Bahia?

Em suma, é sabido que a manifestação cultural em questão se caracteriza, segundo Cascudo (1980), como um grupo que canta e dança na véspera e dia de Reis em 6 de janeiro; um folguedo popular de origem europeia que se hibridizou em terras brasileiras, tomando características advindas dos negros e dos indígenas. De origem cristã, é uma manifestação que faz reverência ao nascimento do menino Jesus, tendo início no dia 24 de dezembro (véspera do Natal) estendendo-se ao sexto dia do mês de janeiro, (dia de Reis) por meio de danças e cantorias em grupos de instrumentistas e foliões. Assim, no município de Caculé, cada grupo se constrói como os demais Reisados existentes, todavia possuem diferenças que o tornam singular, caracterizando sua identidade e estilo próprio.

É preciso reconhecer a existência de todo processo de não aceitação por parte da sociedade industrial, globalizada e tecnológica, que acarreta o ocultamento das vozes das manifestações culturais populares. Muito mais que exprimir a alegria interior, é o momento propício para essas comunidades que presam o seu Reisado, demonstrar suas expressões de orgulho, de dever cumprido e enfatizar a existência e resistência de seus grupos.

É através das cantigas de roda, das danças e dos cortejos que o marginal se centraliza, mesmo quando representada somente por algumas noites anuais, como é o caso do Reisado. São vozes que, ao mesmo tempo em que cantam e exaltam sua identidade, ecoam gritos de socorro para não deixarem acabar com a manifestação que é resultado de muita luta desde sua criação até o momento presente para se manter vivo. São vozes que não se calam e buscam, naquele espaço de confraternização com a comunidade, um instrumento para exaltar sua resistência e sua identidade.

Aquilo que era somente força subconsciente, materializa-se em forma de danças, cantigas, vestimentas, dentre outras caracterizações, pois tudo comunica e passa alguma mensagem para aquele que presencia, ou ouve falar sobre a Folia de Reis. Ao se manifestar, o indivíduo, ou grupo, estará expondo seus ideais e demonstrando o real sentido de estarem ali, assim como a importância que o Reisado possui, tanto para ele (s) quanto para o (s) outro (s).

Diante do contexto social em que vivenciamos, percebemos que a humanidade deixa a desejar quando o que se põe em questão é exatamente as relações de respeito para com as manifestações populares. Portanto, objetiva-se então com este estudo, discutir uma manifestação cultural bastante popular que é o Reisado, descrever e caracterizar inicialmente a Folia de Reis em um contexto histórico: origem, evolução e difusão. Posteriormente, discutir a importância da cultura popular, demonstrando como a preservação de uma manifestação cultural popular garante visibilidade e identidade a um determinado povo e o

reconhecimento da formação de uma nação, pois apesar de ser uma tradição bastante conhecida, enfrenta muita resistência para se firmar numa sociedade que, por considerar moderna, ignora ou despreza, tais manifestações culturais.

Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de cunho qualitativo e também um estudo de caso que, segundo Trivinos (1987), caracteriza-se “como uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (p.133). Esta investigação tomou como referência para análise: entrevistas, artigos e trabalhos realizados sobre o tema, teorias que puderam servir de aporte teórico metodológico para a investigação. Inicialmente, realizamos uma identificação dos principais teóricos que trabalham com a temática para a apropriação dos conceitos de Cultura Popular, Reisado, Tradição e outros conteúdos referentes a este universo. Em seguida, usamos a análise midiática e leituras de outros trabalhos que ajudaram no fortalecimento das pesquisas teóricas feitas anteriormente.

A partir dos estudos teóricos e dos conhecimentos prévios sobre o Reisado, a etapa seguinte foi a de buscar responder a alguns questionamentos que surgiram durante as leituras e observações feitas nas representações dos Ternos de Reis na cidade de Caculé – Bahia. Os recortes essenciais para a composição deste estudo foram: origem da tradição, elementos que o constituem e algumas particularidades.

O estudo da origem dos Ternos de Reis, de certo modo, oculta em suas particularidades, foi desenvolvido através de relatos e de conversas com alguns habitantes antigos da cidade e através de um referencial bibliográfico que ainda resiste na biblioteca de um Colégio Estadual. Desse modo, o estudo do caso particular do município de Caculé em conjunção com as pesquisas teóricas, mantiveram as relações, teórico-práticas, fundamentais para a compreensão e realização desta pesquisa.

Quanto à organização, esta pesquisa conta com três capítulos, além desta introdução e considerações finais. No que diz respeito à fundamentação teórica, tomamos como referência teórica para a discussão sobre os conceitos: cultura popular, identidade e resistência, bem como a definição de Reisado os estudiosos: Arantes (1986), Bosi (1992), Cascudo (1980), Castells (2006), Laraia (1993) e Silva (2014).

No primeiro capítulo, temos o estudo e compreensão da historicidade, com base em CASCUDO (1980), que traz definições acerca do Reisado em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, e para contextualizar o desenvolvimento e aspectos dos Ternos de Reis, recorreremos às leituras de artigos, dossiês, dissertações, dentre outros, pois a abordagem dessa

temática é bem escassa. De acordo com o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o Terno de Reis, ou Reisado, são

“ [...] grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis 06 de janeiro ” (CASCUDO, 1980, p.669).

A partir dos aportes necessários para compor a historicidade dos Ternos de Reis, a discussão posterior versa sobre o termo cultura popular, suas ações bem como suas aplicações no plano social. Uma cultura que é resultado de inúmeras experiências adquiridas de geração em geração, como é o caso dos Ternos de Reis. Assim, o antropólogo Roque de Barros Laraia, salienta que:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. (LARAIA, 1993, p.35).

Conicionados a pensar do nosso próprio modo, é que o outro passa por uma invisibilidade social, de forma que consideramos somente o que nos pertence como algo valioso. O terceiro capítulo é constituído pelos estudos dos conceitos e aplicações dos termos identidade e resistência, que se baseiam, principalmente, nas ideias de Castells (2006) e Silva (2014). Além disso, esta seção conta com o agrupamento dos elementos teóricos com o estudo de um determinado grupo de Terno de Reis de Caculé, desde a constatação dos elementos constitutivos de sua origem, passando pela resistência ao se apresentar anualmente com muito esforço coletivo, até nossos dias reafirmando a identidade e cultura dessa comunidade.

“Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. (CASTELLS, 2006, p. 22).

E com base nessa assertiva, vê-se que a luta é de todos, com cada um lutando por seus preceitos, mantendo a essência do seu povo. Assim,

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita relação de poder. (SILVA, 2014, p.81).

A sobrevivência dos mais fortes, remetendo à teoria de Darwin nunca esteve tão evidente quanto nestes tempos efêmeros em que vivemos.

A identidade destinada à resistência, leva a formação de *comunas*, ou *comunidades*, segundo Etzioni. É provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ela dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência. (CASTELLS, 2006, p.25).

A força somada, conjunta e agrupada é mais forte sem diminuir, ou dilacerar, o muro do outro. Viveremos em paz, e mais fortes do que antes, e seremos mais fortes do que um dia pudéssemos imaginar.

## 2. HISTÓRICO DO REISADO

De acordo com o *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Luís da Câmara Cascudo, o Reisado é a “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis 06 de janeiro” (CASCUDO, 1980, p.669). Esta festa é uma manifestação popular presente nas áreas urbanas e rurais, especialmente em cidades pequenas e municípios do interior, de caráter religioso cristão. Sua origem, fala-nos Cascudo é europeia (1980), especificamente de natureza espanhola e portuguesa, tendo ramificações brasileiras a partir do período colonial.

Esta manifestação tradicional é praticada, especialmente, pelos indivíduos pertencentes ao catolicismo, mas que também engloba uma série de grupos sociais, independentes de religião, classe social, faixa etária, dentre outros. Membros de outras religiões, como do Candomblé, Umbanda por suas características sincréticas<sup>1</sup> participam e cultivam a manifestação folclórica. Outras religiões de matrizes protestantes ignoram, ou mesmo desconhecem, o folguedo por razões dogmáticas.

O Terno de Reis, ou Reisado, é uma tradição anual que anuncia e celebra, através da música e de expressões corporais, a vinda do menino Jesus. Tradição esta que é transmitida de pai para filho e assim sucessivamente, mantendo a linearidade e união por tempo indeterminado. A época do Reisado está relacionada ao momento no qual fazem visitas aos amigos com início no dia 24 de dezembro (véspera do Natal) ao sexto dia do mês de janeiro, por meio de danças e cantorias em grupos de instrumentistas e foliões.

O Reisado esteve presente na Europa, em lugares como Portugal, França e Espanha, por exemplo, como festas tradicionais do povo, com dedicação ao menino Jesus que foi visitado pelos três Reis Magos: Baltazar, Melchior e Gaspar na época do seu nascimento, onde saíram rumo à Jerusalém sendo guiados por uma estrela até seu destino final, portando ouro, incenso e mirra<sup>2</sup> para presentear o novo rei que acabara de nascer. Assim como é descrito na passagem bíblica em um dos evangelhos de Mateus, do novo testamento.

E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo. [...] Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquireu exatamente deles acerca do

<sup>1</sup> Que é produto da fusão de diferentes religiões, seitas, filosofias ou visões de mundo. (HOUAISS, 2009, p. 1748).

<sup>2</sup> Árvore nativa do Nordeste da África cuja casca exsuda resina aromática usado desde a antiguidade como incenso e medicinal. De tronco grosso e ramos irregulares (HOUAISS, 2009, p.1298).

tempo em que a estrela lhes aparecera. E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore. E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, regozijam-se muito com grande alegria. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. (MATEUS 2:1-2, 7-11, 2005, p. 3-4).

Segundo o *Dossiê de Registro de Bem Imaterial*, Melchior de pele clara com barba branca, deu a Jesus o ouro que simbolizava a realeza; Gaspar de aparência jovem e pele avermelhada ofereceu ao Senhor o incenso que caracterizava a pureza entre os homens e, por fim, o terceiro, de pele escura de nome Baltazar entregou a mirra como forma de celebrar a divindade e imortalidade. Considerados como os primeiros a presenciar o nascimento de uma divindade em forma humana, relacionam-se com a trindade do Pai, Filho e Espírito Santo. A partir de então, comemora-se o nascimento de Jesus em 25 de dezembro, e o dia 6 de janeiro é destinado a celebração do dia de Reis por ter sido nessa data que os três Reis Magos visitaram Jesus em Jerusalém. E assim, surgiu a tradição de dar e receber presentes no Natal, por familiares, amigos, por instituições filantrópicas, etc.

Essa tradição popular dos Ternos de Reis foi trazida às terras brasileiras com o objetivo de catequização dos índios e negros, por volta do século XVI pelos jesuítas. Além das lapinhas<sup>3</sup>, existem locais que conservam a tradição como, por exemplo, a árvore de Natal, tendo como símbolo maior em seu topo uma estrela dourada e brilhante, fazendo referência também a estrela guia.

O Reisado, na maior parte dos grupos, é apenas cantado, mas também possui danças e dramatizações variando de um grupo para outro e região. Aqui no Brasil, a denominação a estes grupos refere-se aos ranchos, Ternos e Reis. Em Portugal, recebe outro tipo de denominação: reisada e/ou reiseiros, que atribuem aos grupos de um cortejo de pedintes que trazem em sua cantoria versos religiosos ou humorísticos.

A organização do grupo fica composta por vários membros como o mestre, o contramestre, bandeirista e os instrumentistas e também aqueles que são parentes ou amigos, que juntos fazem a Folia. Para cada instrumento, um determinado homem. Há quem manuseia todos os instrumentos, mas existem aqueles que são específicos pois possuem técnicas particulares que abrilhantam ainda mais o cortejo. O mestre é o regente de todo enredo, e é através dele que as cantigas são entoadas e os demais respondem, e assim começam a cantar

---

<sup>3</sup> É a denominação popular do pastoril, com a diferença que era representada a série de pequeninos autos, diante do presépio, sem intercorrência de cenas alheias ao devocionário. (CASCU DO, 1979, p.429).

em coro. O contramestre é a segunda voz e também o braço direito do mestre, assumindo a responsabilidade em reger o grupo caso algo aconteça ao superior. O responsável pelo estandarte, o bandeirista, é peça fundamental pois é ele que vai à frente dos demais durante o cortejo, ou seja, fica sendo o responsável por acompanhar com a bandeira e saudar os donos das casas visitadas. Os três membros nomeados anteriormente são as principais peças do grupo, e os demais no caso dos instrumentistas, não deixam a desejar em grau de importância e responsabilidade, pois exercem funções indispensáveis para a boa trajetória do Reisado, tocando os instrumentos, cantando, dançando e animando a folia.

Cada grupo possui um integrante que esteja à frente dos demais, não por exibicionismo, mas por precisarem de um porta voz e representante. A responsabilidade recai sobre os líderes de qualquer grupo, desde liderança de sala de aula à liderança como o Presidente da República, e todas as cobranças a eles são direcionadas. Por isso, a escolha de quem nos representa é importante no sentido de nos dar segurança quanto às possíveis demandas que ocorrerem. Essa representação também se encontra na manifestação popular do Reisado.

Outro aspecto de grande valia é a musicalidade, algo presente em quase todas as celebrações, desde um encontro em família a um coral religioso. E quando não há instrumentos, improvisa-se com qualquer objeto que faça som, barulho e anime aquele momento de descontração. De origem grega, é uma arte que permanece viva até os tempos atuais, promovendo a alegria universal. Vale ressaltar que para todo tipo de momento festivo existe um repertório musical próprio, até para momentos fúnebres e tristes. As vibrações sonoras são elementos bastante presentes também na folia de Reis, e abrange versos e ritmos próprios, dependendo dos instrumentos utilizados e cantigas entoadas.

A celebração do culto envolve dois grandes princípios enraizadores: o alimento e a música. Incluímos na música os diários, brados, aclamações e fala oral [...]. Nossos festejos natalinos nos bairros populares não são confinados nas casas pelo frio, como na Europa, mas têm um cunho tropical de *visitação*, *procissão* e *cortejo* como nas Folias de Reis e no Pastoril. (BOSI, 1987, p. 182-183).

Algo bastante importante dentro da celebração do Terno de Reis é, especificamente, a disseminação da arte através do cortejo, das visitas e procissões noturnas. O que é realizado não é algo que permanece no particular do grupo, mas prolifera à medida que o vento e o povo entoam as canções dentro das casas e pelas ruas. A musicalidade também funciona como um marcador simbólico, uma vez que chama a atenção das outras pessoas mesmo que estejam distantes, para o auto religioso que está sendo representado.

Os instrumentos utilizados geralmente são feitos manualmente, e com elementos naturais, como: peles de animais, cordas, ferros e madeiras. Os principais elementos utilizados, são: zambumba, caixas, gaitas, reco – reco, triângulo, agogô, chocalho, etc. Em alguns grupos podemos encontrar também o uso do violão, da viola, pandeiro e sanfona.

Cada região possui seus elementos próprios, costumes e estilos de vida diversos o que caracteriza cada lugar, distinguindo-a das demais. Cada estado possui algo particular e que através de um objeto é possível identificá-lo, e esse objeto em questão é a bandeira, fator determinante para definição dos povos, grupos, instituições, entre outros. E dentro das manifestações populares também não seria diferente, como é o caso do Reisado. Cada grupo exhibe seu estandarte como forma de demarcação do espaço da folia, determinando assim um dos elementos de sua identidade que difere dos demais grupos.

Outra forma de identificação dos povos e de seus estilos de vida ocorre, principalmente, pelo modo como se comportam socialmente através de sua maneira de ver o mundo, de como eles transitam e dialogam. Um dos marcadores de locais de fala, estilo, e definição social está também no modo de se vestir, o que elucidava quais os espaços que aquela pessoa, ou grupo, ocupa dentro da sociedade.

Com tecidos de cores vibrantes e chamativas, eles confeccionam as vestimentas a serem usadas durante o cortejo, que geralmente são iguais para todos os membros do grupo, e cada grupo por sua vez possui seus próprios costumes, cores e formas específicas.

[...]. Logo nos damos conta de que construímos com elas um grande número de afirmações simbólicas, sociologicamente significativas. [...] A questão a ser enfrentada é que, em um dado meio cultural, eles possuem significação simbólica, ou seja, eles carregam fragmentos de um código com o qual se constroem afirmações metafóricas a respeito das relações sociais vigentes. (ARANTES, 1986, p. 27-28).

Qualquer grupo afirma-se perante a sociedade de acordo com suas particularidades, intensificando seu estilo próprio, seus costumes e sua identidade. Desse modo, aquilo que ele veste reflete e interfere socialmente, tanto para a identificação interna quanto externa.

O cortejo também é peça principal durante as noites de Folia, pois garante a visibilidade e intensifica a animação por todas as noites consecutivas, mesmo que sejam constituídos em boa parte por curiosos. É através do povo que acompanha, que os demais interessados reconhecem o lugar em que está sendo a Folia, marcando assim o local para que outras pessoas possam prestigiar. Uma festa sem o povo não é festa, mesmo que tenha todos os aparatos para ser considerado um lugar de folia. É o povo que garante o reconhecimento da

importância da manifestação por ampliar as ações e divulgar aos demais, ajudando assim, a resistência dos grupos de Terno de Reis.

Os colonizadores advindos de Portugal, mantiveram essa tradição aqui no Brasil e até hoje se mantém viva em lugares com a mesma intensidade. Em terras brasileiras, esta tradição ganhou forças no período da colonização em meados do século XIX. Alguns estados brasileiros mantêm a cultura popular do reisado atualmente como, por exemplo, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, palcos das encenações da Folia de Reis.

Apesar da origem ser europeia, somaram-se às origens forças da cultura africana e indígena, para que se firmassem até os dias atuais a cultura de celebração dos Ternos de Reis. O que ocorreu, ao longo do tempo, foi uma hibridização de diferentes povos, disseminando e dúvidas quanto à origem do Ternos de Reis por aqueles não estudiosos do assunto, que atribuem às origens aos africanos ou indígenas, quase nunca aos europeus. Isso acontece pelo simples fato do empréstimo de todas essas origens para confecção do Reisado tipicamente brasileiro, já que encontramos nos instrumentos objetos artesanais usados pelos indígenas e africanos, juntamente com os adereços em ouro e seda tipicamente europeus.

Importa ressaltar que as festas culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Assim, as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social firmadas no Brasil. (CRUZ, 2008, p.3).

O próprio país já é uma colcha de retalhos e, conseqüentemente, tudo que aqui se estabelece vai se moldando conforme as especificidades locais possibilitando, assim, que estudiosos ou não dessa manifestação popular possam entender mais sobre o hibridismo encontrado no Brasil e de como cada povo é essencial para formação da nossa identidade e daquilo que somos constituídos ao longo do tempo. O Reisado ou Ternos de Reis, mesmo que são moldados conforme o lugar onde estão localizados, sempre terão a mesma finalidade, mudando apenas algumas características, como: enredo e modo de expressar de acordo com a região, município ou povoado que estiver. Todos buscam sempre celebrar o nascimento de Jesus e representar a passagem dos três Reis Magos. Mesmo que cada grupo escolha sua maneira particular de fazer essa representação, nunca deixarão de homenagear e preservar aquilo que é comum a todos os grupos, já que se trata de algo original e único.

Cada lugar e cada grupo desenvolve esta manifestação cultural de forma diferente, com vestimentas e instrumentos conforme seus costumes e seu estilo de vida. O modo como o

enredo é desenvolvido se transforma a partir do contexto social de cada lugar, mas que de certa forma mantém a essência, tradição e respeito a essa manifestação tão popular no país. Há variação de grupo para grupo no Reisado, mesmo sendo estabelecidos dentro de uma mesma região. Cada um se manifesta da forma que acha melhor, mas mantendo o objetivo de transmitir alegria e diversão ao público que o acompanha durante os cortejos.

Somente com uma pesquisa mais aprofundada é que podemos constatar que a matriz tem bases da Europa, apesar da adaptação brasileira. Desse modo, foi se constituindo por todo território brasileiro uma tradição mesclada e combinada entre si, onde o branco, o índio e o negro se encontram, sem preconceitos e separações étnicas por longos e longos anos. E mesmo no próprio país híbrido que vivemos, há outras modificações em cada espaço seu, distribuídos em suas regiões, estados, municípios, povoados e afins. O Reisado, no Brasil, é comumente comparado com o folclore, justamente por utilizar das mais variadas formas de dramatizações e representações folclóricas. Dada a diversidade de regiões que englobam as manifestações dos Ternos de Reis, as denominações também são variadas, como: Reisado, Folia de Reis, Reis, Boi-Bumbá, entre outros mais.

O período colonial marca o início de uma nova manifestação aqui no Brasil, principalmente em alguns lugares do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, onde a celebração é constantemente vista, o que acarretou também a resistência inicialmente, pois não havia muitas celebrações festivas no Brasil. Desenvolveu-se a partir da catequização dos índios pelos Jesuítas, após a proliferação dos ritos entre todos, que contavam com os colonos europeus, negros e os indígenas. Desse modo, o Reisado começa a garantir estabilidade por outras áreas levadas pelos viajantes e escritores da época.

À parte dessa disseminação da folia, principalmente nos ambientes rurais e vilarejos onde o clero não estava presente, a partir da segunda metade do século XIX surgiu um novo modelo eclesial católico, que começou a ser implantado no Brasil, o ultramontanismo. [...]. Essa nova espiritualidade engendrou a condenação de práticas religiosas anteriores, vigentes desde o período colonial. Estas foram vistas com uma forte carga de negatividades e acusadas de serem portadoras de sobrevivências pagãs e superstições. (DOSSIÊ, 2010, p.23).

A resistência não foi pautada apenas na falta de costume do povo, mas sim pelos padrões instituídos naquela época principalmente do clero, que detinha de um poder superior. A celebração do Terno de Reis por ser de base popular foi desconsiderada pelo novo modelo religioso, atribuindo essa manifestação como uma propagação do paganismo entre os fiéis.

Apesar dos impasses, o Reisado esteve vivo em algumas áreas dos povoados antigos o que manteve a disseminação atualmente, garantindo o reconhecimento em boa parte do país.

Na modernidade, os motivos de resistência para com a manifestação são outros. A tecnologia desenfreada inibe as práticas culturais, pois o que é mais acessível, fácil e rápido acaba tomando mais espaço socialmente. A facilidade aos acontecimentos do mundo, através dos aparatos tecnológicos, torna-se algo mais pertinente para um círculo de pessoas atarefadas com a correria diária. Manter a concentração em movimentos culturais e artísticos requer atenção, pois há uma preparação com ensaios, confecções de roupas, organização do repertório, entre outros, para que a apresentação aconteça. Os preparativos resultam em horas de encenação em praças públicas, teatros, cinemas, e para o povo isso é cansativo, considerado um desperdício de tempo, já que poderia estar fazendo algo “mais produtivo” do que assistir às apresentações. Essas e outras questões de resistência serão tratadas no próximo capítulo de forma mais densa.

### 3. CULTURA POPULAR E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Sabemos que a cultura vai se modificando e sendo ressignificada continuamente para se adaptar ao seu grupo social sem perder as raízes, pois essa mesma cultura faz parte de um processo que o resultado é o acúmulo de toda experiência e bagagem histórica adquirida ao longo do tempo, que perpassa de geração em geração. Falar em cultura é pensar sobre as ações que condicionam os sujeitos sociais, e que permitem a sua determinação no espaço em que vive, enquanto ser que transforma e se deixa transformar por fatores externos e internos, corriqueiramente interligados em seu modo de vida. O termo cultura, vem de origem latina *cultum*, como o próprio cultivo dos agricultores no trabalho com o solo, em que cultura era sinônimo de plantar alguma espécie de vegetal, hortaliças, entre outros, ou fazer o aproveitamento daquele terreno já cultivado para gerar outras plantações. Mas o solo preparado não abrigava a todos os alimentos, como flores e ervas de uma só vez, pois havia períodos para cada um em tempos determinados e distintos, por isso,

Entende-se que a cultura era um exercício da inteligência aplicado a um esforço para finalidade determinada e única. Nunca o geral, o conjunto, a totalidade. É um músculo, um órgão, um nervo. Jamais o organismo inteiro. Um rio, uma árvore, uma montanha. Não a paisagem completa. [...]. Para fins primários de impressão poder-se-ia dizer que a cultura é o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração. (CASCUDO, 1983, p. 39-40).

Entende-se também que se trata de processos, ora vagarosos, ora com mais velocidade, de transmutações, perdas, ganhos e preenchimentos no espaço material ou no plano do consciente sem que perturbe a origem da ordem cultural. Ao mesmo tempo em que há transformações, há preservações. A cultura, ao mesmo tempo que se caracteriza como um todo social, abrange todas as partes de uma sociedade sendo um conjunto das particularidades que dela emergem constituindo, assim, estilos de vida e sobrevivência diferente para cada indivíduo, mesmo que faça parte de um mesmo núcleo familiar. Desse modo, o sujeito precisa aprender a conviver de forma democrática e respeitar a pluralidade cultural existente no contexto social, considerando que a sociedade é constituída de particularidades diversas. Para que possamos pensar nessa relação do sujeito com a sociedade plural no qual ele vive, o estudo em Roque de Barros Laraia foi fundamental, pois ele salienta que o homem é

[...]o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa

desse patrimônio cultural as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 1993, p. 46).

Assim, compreendemos que o homem social é constituído por partes que o transformam no todo que ele é e está sendo, pois sua construção parte de um processo que ele vai adquirindo em seu meio externo e com o passar do tempo. Os conhecimentos que ele absorve não parte somente do momento presente, mas sim de influências de gerações, que se tornam o alicerce para sua bagagem cultural, social e política.

Arantes (1986), afirma que o termo cultura popular não possui uma definição pronta e acabada em si mesma pois há uma vastidão de significados já que se trata de algo que apresenta uma diversidade de eventos de diferentes povos e costumes. Poderíamos classificar os termos cultura e cultura popular como algo único, já que se trata de formas de vida independentemente de como elas estão sendo desenvolvidas (isso é o que menos importa), mas a sociedade tende a separá-las como se uma estivesse em um patamar mais elevado que a outra.

Definir o termo cultura com um único conceito não é algo possível, já que dentro de um mesmo país existem milhares de significados que são atribuídos para um só objeto. E além de existir variações em um único lugar, há também grandes diferenças entre as regiões do mundo, em que cada uma delas irá atribuir sentidos e construir significados com base naquilo que ele vive e acredita. Sendo assim, pode-se dizer que a cultura é um mecanismo de interação e relação entre a própria comunidade em que o sujeito vive, seja ela linguística, política ou religiosa.

A impressão real da Cultura Popular é que ela não pode e não deve ser explicada pela enumeração dos seus elementos formadores. É um caso em que o todo não corresponde à soma das partes. É maior. Maior pela inteligência perceptiva que nunca deixa de ser modificadora. [...]. É do critério popular uma valorização de objetos acima do conceito econômico. A equivalência letrada articula o objeto à sua utilidade. O Povo encontra um sentido de utilidade alheio às regras do consumo e circulação das riquezas. (CASCUDO, 1983, p.689).

Assim a *cultura popular*, propriamente dita, acaba sendo uma parte da parte do todo cultural, já que são ações específicas que direcionam a um dado grupo singular dentro da sociedade tão plural, ou até dentro do mesmo lugar que ele está se inserindo. As tradições são, na maioria das vezes, expressões únicas que surgem em um grupo familiar e constituem uma linearidade ao longo do tempo ao ponto de se tornar sagrado, e de valor inestimável. Podem proliferar em outros lugares e atender a outras pessoas, mas sempre irão pertencer ao grupo de

origem, de modo enclausurado que permite apenas aos integrantes o direito de transformação. A cultura de luta de um povo, por mais que seja daquele grupo específico, acaba por englobar a todos, pois se existem vítimas e dominados também existem dominadores e explorados. Esse tempo da cultura popular é rotativo,

Sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transporta para velhos padrões de percepção e sentimento já interiorizados e tornados com que uma segunda natureza. De resto, a condição material de sobrevivência das práticas populares é seu enraizamento. (BOSI, 1992, p. 11).

Hall (2003), ainda enfatiza que a cultura popular possui essa “negatividade” por causa do peso causado pelo termo “popular”, pois ela está ligada às tradições mais profundas de um determinado povo, nos seus espaços de tragédias, práticas e vivências de pessoas que são comuns. Por outro lado, a função do ser popular autentica as diversas formas populares, dando firmeza através das experiências vividas pelos grupos “das quais elas retiram o seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica”. (HALL, 2003, p.341).

É mais do que somente questões de significados, são questões sociais, culturais, de capital e de poder que estão imbricadas no enraizamento da cultura popular. “O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo” (HALL, 2003, p. 247-248). E foi nessas classes que se encontrava uma tradição do povo que era constituída como um dos principais locais de resistência, apropriação e expropriação.

Cultura é um sistema que nos ajuda na compreensão dos comportamentos sociais contemporâneos, fazendo com que saibamos reconhecer também as relações de poder imbricadas entre estes comportamentos ou até dentro de cada um deles. Existem sim diversos fatores que interferem na disseminação cultural dentro de uma sociedade, mas o fator semelhante entre todos os tipos de segmentos sociais é o poder, que determina os lugares de cada grupo e os diferenciam entre superiores e inferiores, determinantes e determinados. Ao pensar em cultura e cultura popular observamos, antes de mais nada, a quais grupos pertencem e o termo popular intensifica e especifica que pertence ao povo, estereotipado pela maioria como um grupo fora dos padrões de superioridade.

A cultura popular, mesmo que pareça estar aos poucos perdendo seu lugar na sociedade, ao mesmo tempo ela resiste, intensificando ainda mais a sua luta, porque sabe que dentro de cada indivíduo existe um pouco de cada pedaço deixado por ela, mesmo que muitos ainda não saibam, ou resistem em fazer a descoberta.

Pois é justamente manipulando repertórios de fragmentos de ‘coisas populares’ que, em muitas sociedades, inclusive a nossa, expressa-se e reafirma-se simbolicamente a identidade da nação como um todo ou, quando muito, das regiões, encobrando a diversidade e as desigualdades sociais efetivamente existentes no seu interior. Por mais contraditório que possa parecer, são exatamente esses objetos e modos de pensar considerados simplórios, rudimentares, desajeitados e deselegantes os que reproduzimos religiosamente em nossas festas e comemorações nacionais. É, frequentemente, às chamadas ‘superstições populares’ que recorremos em nossas aflições e para resolver o que, de outro modo, nos pareceria insolúvel. (ARANTES, 1986, p.14-15).

De modo automático recorremos àquilo que não estávamos acostumados a fazer, mas não refletimos sobre isto ou aquilo e não nos perguntamos o motivo de estarmos fazendo aquele apelo, oração ou chamado de uma hora para outra. Já é interno a todos essas tradições que envolvem crença, gestos e costumes que vieram de muito distante e constituem nossa identidade. O popular já é inato a todo sujeito por mais “culto” que ele seja, independentemente da forma como ele pede proteção ou atribui fé a alguma divindade, ou ser imaginário, que só ele mesmo conhece. Mesmo que se faça de tudo para destruir resquícios da popularidade, ela sempre estará ali no cantinho que a colocaram para surgir a qualquer hora e momento que for acionada. Mesmo que passe anos sem alimentação devida, ela estará se retroalimentando da energia de suas lutas contínuas e diárias, por mais que seja esquecida e descartada.

Uma resistência diária à massificação e ao nivelamento, eis o sentido das formas da cultura popular. Empobrecedora para a nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais duros momentos da história da luta de classes. Mas essa diversidade caiu no vazio: não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante. A violência que separou suas articulações, desconjuntou seus esforços, esbofeteou sua esperança, espoliou também a lembrança de seus feitos. (EDÊNIO & VALLE, 1982, p. 33-34).

Arantes (1986) aborda que a ação do ser humano em relação às tradições do povo é repudiar sempre, atribuindo características inferiores e considerando como atos errôneos, ineficazes e de mau gosto tudo aquilo que se identifica com o povo, ou melhor dizendo: popular. Ao mesmo tempo que tentamos repudiar, somos este povo, e não há como negar isso,

pois quanto mais negamos aquilo que somos, mais nos tornaremos aquilo que a gente não é, e luta internamente para não ser.

É importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de ideias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais no país. A diversidade também se constitui de maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas. (SANTOS, 2006, p.19).

Toda vez que a cultura popular sofre uma intersecção de coisas novas, no sentido de modernas, ela perde um pouco das suas formas originais, mas não deixa de ser aquilo que sempre foi, pois ela permanece. O que acontece na verdade são ramificações desta cultura popular que estando enraizada em um determinado momento, espaço e tempo, chega a quaisquer outros espaços através das suas raízes internas e externas ao corpo terra dos sujeitos. Mas ao longo desse caminho percorrido, poderá sim sofrer alterações para se adaptar aos novos terrenos que irão encontrar. Novas pedras surgirão como barreiras para que elas não mais se desenvolvam, mas a resistência é bem maior, por isso continua; novas destruições também irão aparecer e, ao mesmo tempo em que resiste, a cultura popular transforma os novos espaços e se deixa transformar por eles. Cascudo afirma que,

A cultura popular é o saldo da sabedoria oral na memória coletiva. Difícil fixar as distinções específicas porque ambas exigem a retenção memorial, atendem a experiência, têm bases universais e há um instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado. (CASCUDO, 1983, p. 679).

A transformação pela qual a cultura popular passa não interfere nas produções de sentidos pela qual elas sempre se firmaram. Muito pelo contrário, conserva-se os aspectos relevantes mesmo que em meio a outros espaços avesso ao de origem, pois o que ocorre é somente um processo de adaptação para o novo, já que se trata de um patrimônio histórico, que atende às especificidades de base e mantém a memória como sua principal aliada no que diz respeito a necessidade de conservação. A cultura popular é o conjunto, um grupo ou até mesmo um emaranhado de coleções de conhecimentos, principalmente orais, que integram a coletividade entre os povos, pois em meio à diferença sempre existirá algo que é similar a todos os outros grupos.

A ideia de conservação de costumes é algo bastante presente nas manifestações culturais populares, já que sem essa cultura de conservação muita coisa se perderia ao longo

do tempo. O aspecto mais valioso para consolidar ainda mais suas ações é a memória, que funciona como um dos fatores mais importantes já que resgata um passado que não foi registrado de forma concreta, existindo apenas no subconsciente, berço do nascimento das diversidades sociais existentes no Brasil e no mundo. Apesar de muitas coisas serem comprovadas apenas por documentos, livros, artigos científicos, tudo começa a partir do que é e foi pensado, isto é, das memórias colecionadas ao longo do tempo. Primeiro se pensa, vivencia, ouve, depois relata-se, descreve e faz interferências.

É indispensável não pensar que, em meio as transformações cotidianas, que alguns fatores da cultura popular poderão ser desvalorizados à medida que vão desaparecendo gradativamente para dar espaço às outras ações inovadoras. Tanto pode acontecer de ir sumindo aos poucos intensificando o regresso, quanto serem aproveitadas em outras ações no sentido de reconstituir novos elementos, através do que já havia construído, até que seja apossado por padrões de culturas de dominação. Ao pensarmos em cultura popular precisamos compreender que ela

[...] é entendida como produção historicamente determinada, elaborada e consumida pelos grupos subalternos de uma sociedade capitalista, que se caracteriza pela exploração econômica e pela ‘distribuição desigual do trabalho, da riqueza e do poder’. A diferença de posições dos diferentes grupos sociais na estrutura de classes implica a existência de concepções de mundo que se contrapõem. A cultura popular tanto veicula os pontos de vista e interesses das classes subalternas, numa perspectiva de crítica à dominação, mais ou menos consciente, quanto internaliza os pontos de vista e interesses das classes dominantes, legitimando a desigualdade existente. (AYALA, 1987, p. 51).

E ao desaparecer, o povo também desaparece dando lugar para os “grandes”, garantindo assim que o que era do povo passe a ter novos aliados e proprietários do terreno construído pelos menores, e a partir de então a história passa a ser desconsiderada já que os avanços são mais importantes no atual momento.

Ao pensar no contexto industrializado e tecnológico que vivenciamos, a ideia de preservação é sinônimo de salvação e resgate dos elos históricos, pouco privilegiado pela sociedade atualmente. Por mais que não seja algo novo a ideia de preservação, o reflexo que isso produz na sociedade parece ser o contrário, já que a todo momento é preciso ressaltar que a preservação de manifestações culturais e bens simbólicos nacionais são de extrema importância para o funcionamento social dentro do nosso país e, conseqüentemente, no mundo. Ao preservar uma manifestação popular, ou um monumento histórico, estaremos reconstruindo a identidade daquele lugar ou daquela região. Não é algo particular que atenderá somente aquele grupo, mas sim tratará de manter as significações do contexto no

qual aquele bem se insere, possibilitando a garantia da visibilidade sobre um determinado ponto na sociedade, que refletirá nas demais localidades.

Por outro lado, ao mesmo tempo que transformações são invasivas, são eficazes para o funcionamento social, já que se precisa das máquinas, inovações e tecnologia a todo momento, e por mais que tudo isso possa alienar e retroceder o povo, não há como evitar já que ele também é constituído desses fatores. É preciso reconhecer, no entanto, que há espaço para tudo neste mundo, tanto para o novo quanto para o velho e infelizmente as inovações estão ganhando mais espaço, se comparado ao reconhecimento que tem os bens e fatores históricos.

Por muito tempo se resistiu até encontrar o que hoje se conquistou. Vários impedimentos provocaram a não visibilidade do povo por um longo tempo, quando não se falava em democracia e quando a voz do povo não tinha nenhuma importância. Atualmente, o as conquistas femininas, a acessibilidade da população a lugares privilegiados anteriormente, nos fazem perceber os avanços construídos historicamente, ainda que poucos. As manifestações populares foram também escondidas por muito tempo, e a proibição do povo para expressar suas alegrias, festejos e celebrações era latente. O povo só poderia estar, ser e fazer o que a classe dominante determinava.

Atualmente é nítido o progresso, pois muito se fez para que a transformação acontecesse favorável às minorias e suas expressões proibidas ao longo do tempo. Mesmo assim há muito o que se fazer para que novas conquistas sejam alcançadas. Muito mais que brigas contínuas por espaço, existe algo maior que interfere bruscamente nessas batalhas que é o poder, como dito anteriormente. O cenário atual é tomado por desigualdades, inclusive sociais, que inibem a proliferação das camadas populares a territórios já dominados, mesmo se tratando de ambientes considerados para todos. Em nosso país, por mais que seja diversificado e rico, ainda se encontra aqueles que nada possuem, por questões inúmeras de desigualdades, principalmente social.

Quando alguém ou grupo busca seus direitos, não está somente pedindo para si próprio, mas faz uma alerta para todos aqueles que passam por uma mesma situação de dependência. As proibições não estão somente ligadas às práticas culturais, mas envolvem uma série de perturbações no desenvolvimento das classes subalternas, o que impede que cresçam conjuntamente com as demais classes do seu próprio lugar. Como afirma Gullar (2002), “cultura popular é consciência revolucionária” na perspectiva do que ocorre constantemente é que o espaço vivenciado por todos é permeado de lutas diárias, sem cessar.

Mesmo que não seja visível a todos, as posturas de peões são mais comuns do que posturas de reis e rainhas, condicionados a enxergar o mundo apenas por cima, não sabendo que em suas bases estão os que lidam para serem vistos no sentido de alcançar a visibilidade de sua identidade.

São demandas como estas que compõe o capítulo posterior, em que a ideia de identidade se mostra atrelada a ideia de resistência, nesse sentido mesmo de garantia de visibilidade tão processada ao longo do tempo.

#### 4. IDENTIDADE E RESISTÊNCIA LOCAL

Atualmente, observa-se que há uma forte tendência para movimentos que buscam o reconhecimento da sociedade, para que se estabeleçam de igual para igual e vivam de forma democrática. Minorias estas que compõem a maioria, pois se trata não somente de um indivíduo ou grupo isolado, mas representa um todo, localizado em cada pedaço do mundo. A ideia de identidade está diretamente ligada ao reconhecimento do próprio ser, daquele sujeito que se encontra na diversidade, ou ligado a um modo de vida oposto ao do seu vizinho. Este sujeito é pertencente de algo e isso o torna diferente e ao mesmo tempo igual, já que todos estão inseridos em algum contexto que transforma e se deixa transformar por ele.

Cada conjunto cultural possui suas particulares e diversas formas de se expressar para o mundo e também para o próprio meio em que está condicionado a viver. E dentro destas particularidades extraímos meios que nos direcionam ao entendimento de vários significados da nossa sociedade, uma vez que atribuímos sentidos pelos sistemas que são criados pelas diversas culturas existentes, promovendo assim, o (re) conhecimento dos fatores da nossa construção social, principalmente de identidade.

[...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeito a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. (SILVA, 2014, p.81).

O autor aborda identidade como um divisor de águas, que além de delimitar espaços serve também para promover ações de diferenciações, já que ao alegar ser pertencente a um determinado povo, automaticamente o sujeito se torna diferente do outro. Essas diferenças se tornam motivos para disputas. O fator poder se insere no contexto de afirmações de identidade, pois o que se encontra são grupos procurando novos espaços para se estabilizarem mesmo que dentro de um mesmo território. E essa divisão de atenções e privilégios é comumente uma disputa não só de “melhor” ou “pior”, mas também de espaços que possam servir de porto seguro. Por mais que haja a noção de que é importante manter as relações culturais de um determinado lugar, é preciso também ter a consciência de que o apoio da população é essencial, não só dos que estão inseridos numa mesma comunidade, mas dos

demais que não veem nas manifestações populares algo tão valioso quanto seus aparelhos tecnológicos, por exemplo.

De acordo com alguns relatos, percebe-se que através do cortejo, muitos vão observando que o descaso social para com a manifestação do Reisado é evidente, bastante diferente do que costumavam ver. Percebem que tudo foi mudado ao longo do tempo, e que as pessoas perderam a sensibilidade para acolher quem procura intensificar a arte do coletivo. Por essas razões muitos acabam perdendo a vontade de prosseguir, pois não encontram o apoio suficiente para sustentar o futuro da manifestação.

Todos vão às ruas para festejar resistindo sempre, pois são vários dias e longas caminhadas para chegar aos destinos. E no meio destas andanças, o cansaço compete com a força de vontade, com os fenômenos da natureza, enfim, são muitas adversidades que poderiam fazer com que eles desistam, mas não desistiram. O comprometimento e responsabilidade em dar conta daquilo que se dispuseram a fazer anima-os a dar mais um passo para frente.

Alguns, ainda, não deixam esse mal reflexo abalarem seus ideais, por mais que também saibam da falta de companheirismo social. Há quem ainda receba os reiseiros em casa, por tradição da família e por ser algo que esteja enraizado por muito tempo. Isto é, proprietários e reiseiros conhecidos de longa data.

Nos dias atuais, entretanto, perderam muito do seu brilhantismo, já não existindo o mesmo entusiasmo. Perdeu-se o estímulo, como já lhes disse, sendo raros o que, com sacrifícios, esforçam-se no sentido de reviver, em ternos improvisados, aquela elegância de estilo dos nossos ancestrais. (FRÓIS, 2006, p. 140).

Por mais que aconteçam momentos desagradáveis como esses, os grupos não se abalam e não deixam de seguir a tradição de seus pais, avós e padrinhos, pois a resistência e força somada é grande ao ponto de pequenas coisas não desestruturarem. Claro que todos sabem dos obstáculos a serem enfrentados, das barreiras a serem vencidas na sociedade. A cultura enraizada desde muito cedo ao nosso modo de vida, intensifica todo tipo de sentimento, bons ou ruins, que vão aflorando à medida que as mudanças são provocadas com o passar do tempo, desde a força extraída dos momentos de luta ao amor e alegria após o trabalho concluído em equipe. O cultivo dos bons frutos é a razão para que o povo continue se expressando como acham que devem e como forma de trazer o passado para o presente demonstrando o valor que tem para eles e que também pode favorecer aos outros.

A principal luta travada na afirmação da cultura popular está nas ações de resistência, o que institui um caráter de confronto para se estabelecer no espaço. A superação e a resistência são o ponto chave para a dialética da cultura popular, pois a todo momento é preciso exaltar a sua existência. Mas o campo de batalha está também vinculado às academias que tendem a separar os tipos de conhecimento, considerando um acima do outro. É nessa luta que surgem as descentralizações de identidade, pois o que ocorre é o surgimento de novos padrões sociais por mera e pura adequação, o que provoca o desaparecimento dos sujeitos que foram base da formação de outros sujeitos neste espaço moderno, que ao mesmo tempo que cria o novo, descarta o velho.

#### 4.1. Hibridismo Cultural

A manifestação popular em questão, o Terno de Reis ou Reisado, carrega um forte hibridismo em sua composição. Desde sua origem até os tempos atuais, muitas são as “emendas” construídas que ajudam a compor a totalidade do Reisado, que possui uma identidade própria, mas ao mesmo tempo deixa de manter essa homogeneidade tanto cultural quanto de identidade, já que se deixou transformar pelos fatores de colonização e catequização e se transformou, ao longo do tempo, na medida em que recolheu aquilo que foi necessário advindo do índio, do branco e do negro para compor suas particularidades e estilo de vida.

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjunção, o intercuro entre diferentes nacionalidades, entre diferentes processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais e étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2014, p. 87).

O hibridismo ocorre a partir da relação entre duas ou mais identidades atreladas também com o fator poder. Na maioria das vezes essa relação se desenvolve por questões de conflitos entre os grupos étnicos – raciais e de diferentes nacionalidades, no que está imbricado as várias ocorrências históricas como é o caso da colonização que fez parte da origem do Reisado, por exemplo. Esse processo híbrido é causado em grande escala pelo modo forçado de inserção de uma nova realidade a um grupo inferior e dominado. O europeu difundiu na cultura do índio e do negro, vertentes típicas do seu povo, juntamente com a

língua, costumes, modos de vida e novos padrões de sobrevivência. A imposição ocorre de um modo forçado, mas acaba tendo um final de inversões de papéis, já que para o povo boa parte dos costumes que hoje vivencia-se, como o caso dos Ternos de Reis e outras mais manifestações populares, são de origem pura e simplesmente do povo negro e/ou indígena, e não europeia.

Através destas relações que o hibridismo assegura, é possível perceber que apenas por meio de uma manifestação popular é possível entender uma parte da história que permeia nosso contexto social, político e pessoal, e nos direciona para conhecimentos da nossa própria existência, ao ser, pensar, viver e pertencer a determinados grupos sociais. O que constrói a existência de cada sujeito sobrevivente neste espaço, é exatamente os grupos históricos híbridos, ou seja, as famílias constituídas são conjuntas de grupos opostos que carregam também outras dicotomias, e pelas gerações futuras se firmam infinitamente, com bagagens históricas gradativamente construídas ao longo do tempo.

Assim, o próprio indivíduo já nasce simbolizando a geração futura dos seus pais, com costumes, crenças e modos de vida dos seus familiares que foram transmitidos para ele, e assim sucessivamente. É o que define suas heranças de valores inestimáveis. Herdar algo de algum familiar ou amigo íntimo nos deixa lisonjeado pois esse gesto costuma simbolizar que somos queridos por alguém e que antes da partida fomos lembrados. Em meio a uma família numerosa de muitos filhos, por exemplo, costuma haver conflitos para divisão dos bens, caso os pais tenham grandes riquezas. É nesse momento que todos querem herdar alguma parcela e muitas vezes de forma injusta, brigando sempre para ter o melhor e o mais valioso. Infelizmente, nesses casos, o que possui mais valor são os valores capitais e não sentimentais, já que o sistema social no qual vivemos nos direciona a tomar certas atitudes que vão promover somente nosso bem-estar social naquele instante. Na memória talvez possa ficar alguma saudade e/ou boa recordação dos momentos que estiveram juntos, mas o que geralmente ocorre é a falta de preservação daquilo que um dia serviu de base para a construção de cada um.

Da mesma forma, somos esses filhos quando deixamos de respeitar e valorizar as heranças que são deixadas para nós em formas de expressões artísticas e de saberes empíricos, que são de total relevância para nós, já que fomos constituídos também por essas raízes, que herdamos dos nossos entes que partiram antes de nós, que nos moldam e nos deixam marcas significativas ao longo do tempo, e assim sucessivamente, pois o tempo da cultura é rotativo e

circunda nossa construção existencial através de gerações, influenciando de modo direto e indireto na formação de nossa identidade.

Assim é constituído os grupos de Ternos de Reis, por exemplo, que através do ciclo rotacional, que leva de uma época para outra, traços valorativos como: costumes, crenças, e estilos de vida do passado para o presente e futuro. Este tipo de manifestação cultural e popular, carrega consigo toda bagagem historicamente agrupada e internalizada, não somente para apenas ser transmitida por gerações, mas para intensificar o quanto a nossa base de formação como sujeitos sociais, principalmente, se constrói. Um bom exemplo para ilustrar toda esta discussão, poderá ser encontrado no próximo capítulo, que promove o estudo sobre alguns elementos de um determinado grupo de Reisado, de nome popular “Reis de Dodô” (que caracteriza o *corpus* desta pesquisa), situado no determinado município baiano, de nome Caculé.

#### 4.2. Reisado Local

O pequeno município de nome Caculé, localizado na Região Nordeste no estado da Bahia, é originário de uma fazenda denominada “Fazenda Jacaré” de propriedade de Dona Rosa Prates. Caculé recebe este nome por causa do escravo que residia na fazenda, Manoel Caculé. Posteriormente as terras foram doadas para serem gerenciadas pelo Santíssimo Coração de Jesus, padroeiro da cidade, a quem Dona Rosa Prates era muito devota.

Após a abolição da escravatura, Manoel Caculé passou a residir às margens de uma lagoa da cidade, já que não mais possuía moradia, e se tornou a referência maior daquele lugar, pois os viajantes dos arredores de Minas, que por ali passavam, denominavam aquele local de “Lagoa do Caculé”. Essa denominação começou naquele espaço e, conseqüentemente, foi também designado o povoado e o município como um todo.

Em 14 de agosto de 1919, o município foi emancipado pela Lei Estadual de nº 1.365, e neste ano completou 99 anos de emancipação. Uma pequena cidade com cerca de 22.236 habitantes, há 782 quilômetros da capital Salvador. As festividades tradicionais religiosas englobam o espaço caculeense, principalmente, na época de celebração do Padroeiro, Ternos de Reis, celebrações dos padroeiros dos bairros, contando com 7 capelas e 6 associações de caráter religioso.

Em meio a essas festividades, encontramos a tradição do Ternos de Reis, que encena e festeja anualmente por algumas ruas da cidade visitando a Igreja Matriz Sagrado Coração de

Jesus, como de costume. Há, atualmente, cerca de 4 grupos de Reisado no município, localizado na sede urbana e também zona rural, com destaque para o Terno de Reis do “Bumba” que totaliza 3 grupos, sendo 1 constituído pelo Reis da “Cigana”.

Segundo José Alves Fróis (2006), a manifestação do Terno de Reis marcou uma tradição *indelével* na cidade de Caculé, sendo transmitido de geração em geração. Ternos bem estruturados e organizados, buscando sempre o bom gosto de seus adereços, objetivando assim uma disputa saudável para atrair a atenção do povo. Dentre os Ternos que marcaram a cultura caculeense estão: **O Terno das Umbigadas, o Terno das Mulinhas de Ouro, o Terno do Bumba e do Terno do Boi Janeiro**, todos com a mesma religiosidade e reverência ao Deus menino, como era/é popularmente falado.

O **Terno das Umbigadas** destacou-se por sua originalidade e cortejos noturnos, realizado pelas Negras do Mocó, que faziam visitas às casas que possuíam presépios, ou lapinhas, destinados à adoração ao Menino Jesus. “Cantavam e dançavam numa graça contagiante. Raras eram as casas que não ficavam com suas portas abertas altas horas da noite, aguardando a visita das Umbigadas”. (FRÓIS, 2006, p.141).

O Terno de Reis é constituído basicamente por homens. Chama à atenção a informação de Fróis, (2006) para o fato de que o **Terno de Reis da Umbigada** era formado por mulheres.

Atualmente, o **Terno das Umbigadas** pode ser comparado com o **Terno de Reis das Ciganas**, que mantém uma tradição semelhante pelas ruas por ser composto somente por mulheres e desempenhar funções com os mesmos objetivos.

De organização de Calixto José de Melo, assim conta Frois (2006) em seu livro *Caculé de Miguelzinho*, havia também um outro Terno de Reis chamado de **Mulinhas de Ouro**, agradável assim como os outros. Calixto fazia questão de abrilhantar as ruas com sua folia, com as mulinhas de madeira ornamentadas com tecidos cor de ouro.

O **Terno do Bumba** resiste também nos tempos atuais. Outrora ele também foi grande referência para a cultura do município de Caculé. Composto por instrumentos de sopro como as gaitas, iniciavam os festejos juntamente com os demais instrumentos do conjunto, e assim executavam as cantigas. O que reflete hoje é que este grupo foi formado por figuras masculinas, já que são os homens que atuam neste tipo característico de Reisado. O cortejo do grupo de reisado sai às ruas, ao anoitecer, à procura de casas que possuam alguma reverência ao menino Jesus com presépios, ou altares simples. O grupo é acompanhado por familiares,

amigos e curiosos, desde crianças à idosos que ficam presentes até a última cantoria, na maioria das vezes, peregrinando por diversas ruas no dia da véspera do natal até 6 de janeiro.

Por último, e não menos importante, o **Terno do Boi Janeiro**, caracteriza-se como um folguedo diferente dos demais citados por possuir atrações sertanejas e vaqueiras, mas possui igual religiosidade e indumentárias de cores vibrantes e multicores.

Ao todo foram quatro Ternos de Reis que fizeram história na tradição caculeense, e em meio aos (d)anos restaram as ramificações do *Terno do Bumba*, que são 3, e das *Umbigadas*, hoje conhecido popularmente como o *Terno de Reis da Cigana*.

Atualmente existem quatro grupos de Ternos de Reis na cidade de Caculé. Estes grupos possuem características históricas e origens variadas. Para concretização desse trabalho entrevistamos alguns membros de um desses grupos de Terno de Reis, o Reis de Dodô, como é popularmente chamado e assim identificado pela região. Em entrevistas com membros desse grupo, reconstitui os dados e as informações que nos permitiram traçar alguns elementos que caracterizam esse grupo.

O grupo investigado por este estudo caracteriza-se da seguinte forma:

#### 1. CORTEJO

Por mais que a manifestação seja de conhecimento de todos, meses anteriores ao início da folia, faz-se necessário reuniões e ensaios para que a saída às ruas ocorra de forma organizada. Primeiro por manter a ordem e se organizarem quanto às vestimentas, horários e tomar conhecimento sobre quais casas eles foram convidados e quais não. Segundo, por deixar os instrumentos afinados, consertados, pintados e prontos para aguentar os seis dias sem nenhuma preocupação. Mesmo que só tenha início em dezembro, já começam os trabalhos por volta do mês de outubro e novembro.

Durante o período de folia, os encontros ficam marcados, geralmente, por volta das dezoito horas, na residência de um parente que se prontifica a apoiar o grupo no período de cantoria. Devido alguns atrasos e imprevistos, às vinte horas quando todos já estão reunidos, é que o cortejo se inicia. Não há um número exato de quantas residências por noite, pois dependerá do tempo que leva em cada casa e do desgaste físico dos instrumentistas. Geralmente, eles retornam para casa com o nascer do sol, descansam e iniciam novamente o ciclo ao anoitecer.

Entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, o grupo inicia o cortejo a caminho da casa escolhida, ou daquela em que são convidados pelos seus proprietários. Há uma cantiga específica para a entrada e uma específica para a saída, cada uma com seu repertório, e há

também cantorias diversas quando já estão dentro da residência. Entoadas na porta da residência, os Reiseiros aguardam a recepção. Saúdam os donos da casa, pedindo ao menino Jesus que os proteja e que no ano posterior eles estejam juntos novamente.

### **Chegada**

Deus nos *sauve* casa santa  
O' Virgem Mãe de Deus  
Onde Deus fez a morada  
O' Virgem Mãe de Deus

Onde mora os *Cális* Bento  
O' Virgem Mãe de Deus  
E a Hóstia Consagrada  
O' Virgem Mãe de Deus

Santo Reis na sua casa  
O' Virgem Mãe de Deus  
Ele Veio Vizitar  
O' Virgem Mãe de Deus

*Vizitar* sua saúde  
O' Virgem Mãe de Deus  
E a *familha* como estar  
O' Virgem Mãe de Deus

### **Despedida**

Santos Reis já vai-se embora  
O' Virgem Mãe de Deus  
Foram parar em Bélem  
O' Virgem Mãe de Deus

*Vizitar* a Deus Menino  
O' Virgem Mãe de Deus  
Que Nossa Senhora tem  
O' Virgem Mãe de Deus

Santo Reis lhe pede esmola  
O' Virgem Mãe de Deus  
Não é por ganhar dinheiro  
O' Virgem Mãe de Deus

É para *comprir* uma promessa  
O' Virgem Mãe de Deus  
Aos seis dias de janeiro  
O' Virgem Mãe de Deus.

## 2. CANTIGA

Estes versos são de autoria desconhecida, segundo os relatos obtidos, já que a matriz é longeva. Apenas foi transcrita por um membro instrumentista do grupo, devido ao aprendizado ao longo dos anos e experiências como filho de ex-mestre. E assim as palavras que se encontram escritas fora da norma culta padrão, forma mantidas para que a fidelidade do texto. A partir das cantigas de chegada e de despedida, percebe-se a presença da passagem bíblica citada anteriormente no primeiro capítulo do Evangelho de Mateus. Em poucos versos narra-se a história, o objetivo e o enredo do Terno de Reis ali presente. Esclarece a trajetória feita pelos Reis Magos e utiliza dessa passagem para enfatizar os motivos da manifestação do grupo. Os versos são emitidos até quando não são recebidos na casa escolhida, pois para o grupo essa é uma maneira de abençoar a residência bem como seus moradores.

Quando encerram os festejos nas ruas, comemoram em um único dia uma grande festa com muita comida, música, bebidas, mais danças e cantorias. Feito isso, o grupo repetirá o

ciclo apenas no próximo final de dezembro do mesmo ano e início de janeiro do ano posterior, iniciando novamente o ciclo. Caso não aconteça algum empecilho ao longo deste período. Uma manifestação que vai perpassando de geração em geração, entre amigos, conhecidos e familiares através de muita força e luta.

E quando surge a indagação sobre os elementos que compõem o Terno de Reis, logo foram destacados os seguintes elementos: instrumentos e vestimentas.

**Depoente 1<sup>4</sup>:** As rôpa todo ano é uma cor. O que for pra vestir, veste! Agora os instrumento tem mais de 50 anos. Foi o véi meu pai que comprou lá pro lado de Minas, na mão de um camarada. O que a gente faz, quando precisa, é cunsertá. Estica um côro de viado aqui, arrocha acolá... e tá novo de novo. Pode ser de bode também, quando não acha o de viado.

**Depoente 2<sup>5</sup>:** Têm 2 caixa pequena que a gente toca com vara; 1 zabumba; 3 gaita; 1 triângulo; 1 agogô, 1 reco-reco e 1 pandeiro e só. Violão, sanfona ou viola a gente não toca não. A gente toca é no “oi” e no “ouvido” mesmo, ninguém istudô pra isso não. Já acostumô!



<sup>4</sup> Mestre de um Terno de Reis em Caculé – Bahia. Homem, negro, natural de Urandi – Bahia, 68 anos, lavrador aposentado, não alfabetizado, católico e casado há 28 anos.

<sup>5</sup> Membro de um Terno de Reis em Caculé – Bahia. Homem, negro, natural de Caculé – Bahia, 34 anos, católico, trabalhador, alfabetizado até o 6º ano.

### 3. INSTRUMENTOS

Em Caculé, os instrumentos deste grupo são os mesmos usados há 50 anos, e só foram se ajustando ao longo do tempo para permanecerem da forma que eram. Alguns acessórios foram trocados pelo desgaste, mas a estrutura permanece a mesma de origem. As cores variam, pois não existe padrão que defina uma coloração certa para o grupo. Violão, sanfona ou viola não pertencem a este grupo, pois é muito mais um som rústico dado os instrumentos confeccionados manualmente e que carregam traços históricos bem conservadores. Segundo o atual mestre do grupo, estes instrumentos foram comprados na época de infância dele pelo seu pai em terras mineiras por algum conhecido. E pela data longínqua não há recordações sobre o valor destes objetos, ou se foi através do escambo que a posse se fez.

As caixas e o bumba são reformados quase que constantemente, pois são revertidos da pele de animais como veado, carneiro, ou outro animal, que após algum tempo precisa ser trocado, pois deixam de produzir o som tradicional, ou se deterioram. É então colocado de forma bem firme e com cuidado para não danificar o couro.

### 4. VESTIMENTAS

As vestimentas possuem um caráter diferente já que todo ano é uma cor, modelo e tecido diferentes, não tendo uma linearidade e padrão já que são roupas que ficam com cada integrante do grupo como lembrança e eles acabam usando normalmente em outras ocasiões, não servindo para serem usadas no ano posterior. As vestimentas, no caso das camisas somente, já que os demais acessórios cada um precisa encontrar o seu, como calça, sapatos e/ou chapéus. No dia das reuniões fica definido, democraticamente, qual a cor predominante para ser usada, o que garante tempo de sobra para procurarem caso não tenham em casa. Segundo relatos dos membros do grupo, já foram usadas várias cores: vermelhas, azuis, verdes, brancas, em estampas xadrez, etc.



Dessa forma são rapidamente reconhecidos pelas pessoas nas ruas, mesmo que o integrante do Reisado esteja sozinho, pois tudo nele passa a comunicar e a roupa é um forte marcador da identidade do grupo.

## 5. BANDEIRA

A cor vermelha é a predominante da bandeira do Terno de Reis, viva há mais de 50 anos e sendo reformada até então. É confeccionada pelas mulheres com fitas coloridas, imagens de Santo Reis e flores artificiais, de forma que fique bem destacada e chamativa.

Tem-se um ritual a cada ano com a guarda da bandeira. Fica a critério de alguma pessoa, integrante, ou não, ter a sua residência como o desfecho da celebração, assim é a responsabilidade da mesma carregar a bandeira no ano posterior durante as celebrações e entregá-la para outra pessoa a fim de dar continuidade ao ciclo. Não é uma escolha feita pelos foliões, fica a critério da própria pessoa se oferecer a assumir tal papel, pois acredita-se que a benção será entregue para quem salvaguarda o objeto de mais destaque entre a folia, e conseqüentemente a residência e a família.

## 6. CELEBRAÇÃO FINAL

A festa final ocorre na maioria das vezes no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, santo que a maioria do grupo também tem devoção. Inicia-se com um cortejo vindo da última casa em que foi feita a última folia, tendo o proprietário como porta bandeira. Durante o cortejo da celebração final, cantigas e rezas são proferidas para Santo Reis e demais santos da devoção do grupo. Cada pessoa do grupo traz consigo uma vela acesa, composto por crianças, jovens e idosos, sem restrições de faixa etária, gênero ou classe social. Ao chegarem no local da festa, um encarregado já fica esperando o cortejo para soltar os fogos de artifício, isso já serve de aviso para as cozinheiras que preparam os alimentos dos foliões.

Um momento depois que todos chegam, as mulheres já servem as crianças com os pratos já feitos na cozinha, só tendo a responsabilidade de dar para cada uma. Mas antes disso, passam uma bacia com água para que a criançada possa lavar as mãos antes de comer e antes de se alimentarem, fazem orações de agradecimento.

Primeiro, alimentam as crianças à “mesa dos anjos”, assim como é denominado, depois alimentam os reiseiros em outro local sentados à mesa e com o banquete posto para se servirem conforme suas vontades. Neste meio tempo entre a alimentação das crianças e dos reiseiros, tem-se a tradição de ter aproximadamente 2 horas de ladainhas, liderada por uma velha parteira da cidade que na ausência de médicos, em tempos passados, ela quem dava suporte para as mulheres grávidas para realizarem o parto. Inclusive muitos reiseiros e/ou filhos deles nasceram pelas mãos da parteira. Durante a ladainha, todos ficam em silêncio e a maioria com velas acesas nas mãos, respondendo as preces feitas por ela.



Depois dos agradecimentos e de se alimentarem, a festa continua até o dia amanhecer se possível. Muito forró, bebidas e a própria folia de Reis faz a alegria do público. Momento em que as mulheres que tocam e dançam entram na “brincadeira” e animam o ambiente.

Todo esse ritual, desde à “mesa dos anjos”, à “mesa dos Reiseiros” e consequentemente, a festa ocorre assim que todos se organizam para realizar as manifestações, como manda a tradição. Não há um tempo determinado para cada ritual, pois tudo acontece conforme o tempo que for para acontecer, sem regras.

As mulheres não participam, por não ser algo restrito aos homens, mas é pelo fato de ter sido tradição, desde o começo, que as mulheres assumissem cargos como cozinheiras, por exemplo. E assim foi se acostumando até os momentos atuais, por puro e simples costume e, monotonia, não por restrição. E mesmo não participando ativamente, muitas sabem cantar, dançar e tocar como os homens e fazem isso no período da celebração maior que, geralmente, fica registrado no dia 20 de janeiro dia de São Sebastião, momento em que a folia fica mais livre de outras responsabilidades. Ou também em algumas casas em que a folia se estende um pouco mais.

As mulheres do grupo são peças principais para realização da Folia de Reis, pois são elas que vão à frente para resolver os possíveis problemas, organizar as vestimentas, e alimentações, por exemplo. Sem as mulheres, os integrantes do Terno de Reis nem sairiam para as ruas. São elas que confeccionam, organizam e rege a realização da manifestação, desde a escolha das vestimentas ao ordenamento do cortejo. Segundo os integrantes, as mulheres passam de porta em porta “oferecendo” o Reisado, em casas de moradores que não conhecem a folia e que talvez tenham a curiosidade de vivenciarem a nova experiência.

É a figura feminina que também ajuda na recuperação de energias dos reiseiros, pois elas costumam carregar panelas de comida, geralmente com farofas, água e café. Em algumas

pausas durante a noite, os reiseiros descansam para retomar em outra casa com mais energia, e neste momento as mulheres entram em ação e distribuem a alimentação, tanto para os reiseiros quanto para o público. Geralmente, este rito ocorre uma vez na noite, nas demais pausas somente é servido água, café e/ou aguardente. Tudo de modo controlado para que sempre tenha para todos da mesma maneira.

Quanto as vestimentas, confecção da bandeira e reuniões, é também estruturado pelas mulheres que marcam os horários, reformam os adereços da bandeira e buscam uma maneira com que todos usem a mesma roupa. O coletivo de mulheres se ajudam e ajudam o grupo de reiseiros a resistir e persistir na herança deixado pelos ancestrais.

Neste grupo, percebemos que ocorre uma equidade, diferentemente do que é visto atualmente em nossa sociedade. Existe o respeito com o trabalho dos homens e da mesma forma isso é perceptível com o trabalho das mulheres, que juntos trabalham em prol da tradição da Folia do Terno de Reis.

Assim se constitui alguns elementos que garantem a visibilidade do Terno de Reis da cidade de Caculé, que vem mantendo a tradição por anos e anos, perpassando de pai para filho, afilhado, sobrinhos, e outros interessados. Modificando-se ao longo do tempo e resistindo contra as mudanças sociais drásticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar início à construção deste trabalho, percebemos ainda mais o quanto foi importante pois, reconhecemos ainda mais a importância que tem as manifestações populares tão tradicionais em certos lugares. Através de uma cultura, foi possível considerar o valor das demais que são iguais em encontros sociais, principalmente. Iguais em resistências diárias para se firmarem inteiramente.

Se todos pudessem ter o privilégio de adquirir o conhecimento de forma igualitária, estaríamos hoje respeitando mais e julgando menos aqueles que de alguma forma contribuem para ampliar nosso saber. Nesta vivência de universidade, reconheci ainda mais a pluralidade do meu mundo interior e do mundo externo, de modo a ser possível enxergar o que eu não enxergava antes. Foi nesse local de estudos, que percebi que à minha volta existia vários mundos e não apenas o meu, pela bagagem histórica, linguística e de batalhas de cada um.

A importância que o conhecimento possui é indefinível, uma vez que é infinito em proporções tanto de aprendizados externos quanto de transformações internas, o que nos condiciona a sermos sujeitos melhores em todos os espaços de nossa construção como indivíduos pensantes, atuantes e modificadores do mundo.

A pesquisa realizada no município de Caculé – BA, foi construída através de encontros, pois a manifestação popular do Reisado é pouco discutida em termos de origem e características que o compõe. Por mais que ocorram anualmente as manifestações na cidade, pouco se discute em livros, artigos ou sites locais. Apenas foi encontrado um exemplar que discute sobre a temática, e com base nele é que o estudo se concretizou. Encontramos tanto a história do município quanto das festividades do local, e nesse contexto encontra-se a Folia dos Ternos de Reis, dentre as demais celebrações locais.

Em posse deste acervo, encontrado em um Colégio Estadual da cidade, constituímos uma parte da subseção destinada à análise do objeto de estudo. A outra parte foi confeccionada pelas entrevistas, relatos, fotografias e outras particularidades coletadas com alguns membros do grupo, como o mestre atual e dois instrumentistas, que são da mesma família.

Tanto teoria para a revisão de literatura, quanto os estudos para a análise, foram de forma escassa, mas que não impossibilitou a realização deste trabalho, tão valioso para minha formação acadêmica quanto para a garantia de novos conhecimentos ricos em diversidades culturais, políticas e sociais.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Promessas**. 3. ed. São Paulo: JUERP/ King's Cross, 2005.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria I. Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

CARDIM, Fernando Pereira. **Coleção de Monografias: Caculé - Bahia**. n° 226. IBGE, 1960.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CRUZ, Mércia S. R.; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações**. Salvador, BA: EBECULT – FACOM/UFBA, 2008.

**Dossiê de Registro de Bem Imaterial: A Folia de Reis em Presidente Olegário–MG**. 2010. Disponível em: <<http://www.estilonacional.com.br/>> Acesso em 20 de março de 2018.

FRÓIS, José Alves. **Caculé de Miguelzinho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HALL, Stuart. Cultura Popular e Identidade. In: \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 247-335.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

NASCIMENTO, Regina Cruz do. **Eternamente Rosa Menina: a História de um Terno de Reis**. Salvador: EDUNEB, 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLE, Edênio; QUEIRÓZ, José. (org.). **A cultura do povo**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1982.